

13/05/2020 14:23:37 - ARTIGOS

RACHEL E. ANDALAFT: OS IMPACTOS DA COVID-19 NAS ENERGIAS RENOVÁVEIS



Em seu mais recente relatório, a Agência Internacional de Energia (IEA) destacou que os projetos de fontes solar, eólica e hídrica têm se desenvolvido em ritmo mais acelerado nos últimos quatro anos. A IEA prevê um “alvorecer de uma nova era de energia solar barata” onde 600GW serão adicionados à capacidade mundial, aumentando em 1.200GW a participação das renováveis em quatro anos e alcançando nada menos do que 30% do consumo mundial de energia.

Publicado ao final de 2019, o estudo baseia-se em premissas que foram fortemente afetadas pela ruptura que o mundo sofreu desde então. Dois meses depois, a pandemia do COVID-19 inaugurou a política de isolamento social que paralisou grande parte da capacidade econômica mundial.

Com 3 bilhões de pessoas compulsoriamente em casa, criou-se uma crise global sem precedentes e cujos impactos, recessivos sem dúvida, podem se mostrar catastróficos. Enquanto muitos setores se desdobram para sobreviver, o segmento de energias renováveis, dada a sua natureza de serviço essencial, não vislumbra um cenário tão assustador.

A começar pela principal cadeia de fornecedores, instalada na China e diretamente impactada pela restrição da circulação de pessoas, cujas regras foram relaxadas em abril. Não é segredo que o país domina a produção de componentes para a energia solar. Mais de 80% da demanda por painéis fotovoltaicos é atendida pelos fornecedores chineses, cujas grandes unidades de produção pararam, comprometendo os cronogramas de projetos em andamento.

Boa parte deles será estendida para o ano seguinte, alterando a previsão para a operação de novas usinas, que poderão sofrer um aumento entre 10% e 20% nos preços dos módulos. Entretanto, diante da determinação dos chineses de retomar a produção e minimizar os danos à economia, é pouco provável que isso perdure, principalmente quando se leva em conta a agilidade com que governos e bancos centrais mundo afora implementaram planos ousados para manter empresas e empregos.

Isso não quer dizer que faltarão recursos para renováveis; na Europa, por exemplo, essa fonte já está mais consolidada e conta com funding próprio, o que lhe concede margem de manobra. Já para as economias menos resilientes, o impacto da recessão será maior. Na América Latina e, especificamente no Brasil, é grande a chance de criar-se um ciclo vicioso, tal qual na Argentina.

A começar pelo aumento da percepção de risco. Conforme os bancos elevam suas taxas de juros, a falta de liquidez se torna mais aguda, o que reduz o ímpeto para se desengavetar novos projetos. Por conta disso,

18/Mai/2020 12:19

existe uma grande concorrência pelos escassos recursos, agravado por um ambiente onde a gestão de riscos é pouco utilizada.

Recentemente havia a expectativa de que essa dinâmica se alterasse. Por um lado, a queda nos juros e no risco soberano brasileiro, além do programa de modernização do setor elétrico, deram fôlego ao segmento institucional. Também cresceu a oferta de dívida corporativa (debêntures) de longo prazo para fundos de crédito privado. Neste cenário, o risco soberano disparou e bastou uma sequência de saques de cotistas aflitos para que muitas das debêntures, com excelente qualidade de crédito, passassem a ser negociadas com grande deságio no mercado secundário. Isso não só encareceu as operações que estavam na fila de emissões como também alterou o referencial de risco adotado pelos bancos para a concessão de novos financiamentos.

Limitações de outra natureza, como a persistente taxa de crescimento econômico baixa, tornam mais evidentes os problemas estruturais brasileiros. Possíveis falências de fornecedores locais limitarão a oferta e o novo patamar do câmbio encarecerá os custos dos projetos; isso sem considerar os custos fiscais adicionais dos programas de auxílio nas contas públicas do país.

Dado o seu potencial, a demanda por energia renovável no Brasil é incontestável, mas uma recessão batendo às portas é algo que preocupa os agentes do setor. As distribuidoras já notificaram suas contrapartes (geradoras), informando sua intenção de acionar as cláusulas de “força maior”. Apesar do posicionamento favorável da ANEEL, trata-se de uma medida sem apoio dentro do Ministério da Economia.

O receio é que o precedente quebre a confiança que os agentes têm depositado no setor, o que tem garantido leilões de energia bastante competitivos. Outras alternativas, como um empréstimo bancário às distribuidoras ou uma redução temporária na remuneração (WACC), estão na mesa, suspendendo o cronograma de leilões até que uma solução seja “costurada” entre todos os envolvidos.

No que diz respeito ao mercado livre, observa-se que grandes consumidores apresentam uma queda brusca no consumo. Apesar de firmarem contratos diretamente com as geradoras, que inclusive incluem cláusula de arbitragem para eventual resolução de conflitos, eles podem precipitar um processo em cadeia caso revendam aos seus respectivos fornecedores as suas sobras de energia. O motivo é o impacto no PLD, que ficará menor, sendo ele o valor de substituição pelo qual as geradoras serão remuneradas.

Esse contexto que afeta não só o Brasil, vai perdurar até que a comunidade financeira internacional perceba um mínimo de previsibilidade para aceitar mais riscos. Ainda assim, nem tudo está perdido. Até o surgimento da pandemia, lidávamos com uma guerra comercial prolongada e polarizada, que já causava transtornos para a cadeia de fornecedores de energias renováveis.

Talvez o pragmatismo e a urgência nas respostas macroeconômicas criem a ponte para que possamos chegar bem do outro lado. Em todo o mundo, já vemos pessoas, empresas e grandes grupos econômicos se unindo em um esforço inédito para cuidar dos mais vulneráveis e mobilizar recursos complementares aos programas governamentais de apoio.

Esse espírito global pode, em breve, ensejar uma nova era de descarbonização ao redor do mundo.

Rachel Andalaft é sócia-fundadora da REA Consult e gestora junto a investidores institucionais. Esse artigo representa exclusivamente a visão da autora.